

África Austral: uma guerra em várias frentes

DEZ MIL REBELDES CONTRA A FRELIMO

• Inhambane e Zambézia: as províncias mais afectadas

Capital provincial sonolenta junto ao oceano Indico, Inhambane é um verdadeiro paraíso tropical. No entanto, esta cidade de 50 mil habitantes do Sul de Moçambique é há três anos vítima da guerra entre as forças governamentais e o Movimento Nacional de Resistência (MNR, apoiado pela África do Sul).

Os serviços de segurança avaliam em cerca de 3500 o numero de guerrilheiros que operam na provincia, a mais afectada pela guerrilha das seis que conta Moçambique. Segundo a maior parte das estimativas, o MNR agruparia 10 mil combatentes em todo o pais. Na provincia da Zambezia (Norte do pais), outra região «quente» onde a guerrilha raptou 24 técnicos soviéticos em Agosto ultimo, os rebeldes seriam 1500.

As marcas da guerra são bem visíveis na provincia de Inhambane. A cerca de 40 km a sul da cidade, a aldeia de Cumbana foi atacada tres vezes em nove meses pelos «bandidos armados», como lhes chama o Governo do presidente Samora Machel.

Nos terminais ferroviarios de Inhambane resta apenas uma locomotiva a vapor, inutilizada desde que a linha entre Inhambane e Inharrime, na costa, foi fechada em Maio último devido a várias sabotagens.

Por outro lado, a população sofre com a seca que, segundo estimativas de médicos ocidentais, teria morto entre 40 mil e 100 mil pessoas este ano na provincia.

Desde ha cinco meses o Exército moçambicano passou a ofensiva contra os «bandidos» na provincia de Inhambane. Sob a direcção do general Domingos Fonde, comandante militar da provincia, e de um membro do Comité Central da FRELIMO, o Exército apoderou-se, em Agosto último, da mais importante base provincial, segundo ele, do MNR: Tomé, no interior, onde viviam cerca de 2000 guerrilheiros.

Um dos guerrilheiros feito prisioneiro em Tomé foi apresentado à Imprensa estrangeira, em Inhambane, na semana passada. Afirmou ter visto nessa base oito soldados sul-africanos.

No principio de Dezembro, o Exército ocupou duas novas bases do MNR, em Maua e Macaringuè, perto da cidade de Morrumbene, a 28 Km de Inhambane, onde se encontravam respectivamente 380 de 1350 combatentes, segundo o Exército.

Um dos principais problemas do Exército moçambicano é a falta de apoio aereo, em particular de helicopteros. Nenhum numero oficial esta disponivel, mas o relatório anual do Instituto Internacional de Estudos Estrategicos (IISS) de Londres indica que Moçambique possui unicamente quatro helicopteros soviéticos «MI-8».

Outra dificuldade: a falta de meios de transporte. Em Inhambane, o Exército não tem camiões e por isso tem que os requisitar as empresas publicas ou a particulares. Os efectivos do Exército foram elevados de 22 mil para 40 mil e as milicias desempenham também um papel importante na protecção aos locais de trabalho ou aos comboios.

Desta mobilização geral resulta o marasmo da economia, segundo os diplomatas acreditados em Maputo. Em 1982, Moçambique gastou, segundo o IISS, 154 milhões de dolares (mais de 20 milhões de contos) na Defesa, ou seja 30% do seu orçamento nacional.

O apoio militar soviético — aviões «Mig-21», carros «T-55» e espingardas de assalto — e pago graças a raras divisas estrangeiras e a maior parte das vezes em mercadorias: peixes e minérios que, de outra forma, forneceriam a Moçambique divisas cuja necessidade se faz sentir em todos os dominios da economia.